



ALEXANDRE GARCIA

**NÃO PODE Haver INTELIGÊNCIA LIVRE. OS REBELDES SÃO ALVO DO DENUNCISMO, OS QUE DEMONSTRAREM TESES CONTRÁRIAS SÃO CENSURADOS, BANIDOS PARA O LIMBO**

## Estatutos da liberdade

O Brasil acaba de perder um de seus maiores poetas. Thiago de Mello foi embora na sexta-feira, com 95 anos. Deixou para nós o seu maior poema, *Os Estatutos do Homem*, escrito em 1964, hoje atualíssimo, nesses tempos estranhos. “Fica decretado que agora vale a verdade”, é seu primeiro verso. Vivemos tempos em que se decretam qual é a verdade e qual é a mentira, retirando da consciência julgadora de cada um o direito de avaliar o que é o quê. “Fica decretado que os homens estão livres do jugo da mentira”, proclama o poeta no art. V. Mas a mentira é um jugo que escraviza quem prefere não pensar, apenas aceita

qualquer mentira porque é mais fácil se deixar conduzir.

No art. XII, “decreta-se que nada será obrigado”. Nesses estranhos dias que vivemos, parece que tudo é obrigado, até o veto das palavras que não permitem que você ponha na sua própria boca. Escolhem as palavras da sua boca! Parafrazeando outro poeta, Eduardo Alves da Costa, primeiro escolhem palavras que você deva pronunciar, e você permite. Depois põem frases completas na sua garganta, e você cede. Quando semearmos ideias inteiras no seu pensamento, você não pode fazer mais nada, porque já não pode pensar. E você deixa de

ser uma pessoa, para ser uma peça descartável do coletivo.

Como se opera isso? No art. XIII, Thiago de Mello registra “o grande baú do medo”. Essa é a arma que abre as defesas do indivíduo. O medo enfraquece, paralisa. Ameaça-se com um grande mal que paira sobre todos, já covas abertas e caixões prontos para receber o seu cadáver. Mas se você obedecer, para o seu bem, poderá ser salvo, desde que entregue a sua liberdade, se una à multidão dos que transferiram seu destino a grandes condutores de massas.

Não pode haver inteligência livre. Os rebeldes são alvo do

denuncismo, os que demonstrarem teses contrárias são censurados, banidos para o limbo. O livro *1984*, de George Orwell, escrito em 1949, é profético, mostrando o que acontece num país totalitário chamado Oceania. Até o nome foi um prognóstico, diante das atuais anulações de liberdades na Austrália. Ironicamente, ontem fez 234 anos que lá chegaram 736 condenados ingleses para colonizar aquela terra sob a égide da liberdade.

Vivendo como condenados em um regime sem liberdades, mais de 280 mil venezuelanos já regularizados no Brasil fugiram de sua pátria, de sua própria terra natal.

Ao acolhê-los, oferecemos liberdade. A mesma que precisamos legar a nossos filhos e netos. O artigo final dos *Estatutos do Homem* estabelece que será suprimida a palavra liberdade dos dicionários e do “pântano enganoso das bocas”, porque a morada da liberdade “será sempre o coração do homem”. Mas a premonição literária dos poetas e escritores aqui citados é hoje uma perigosa realidade ganhando corpo. Não podemos nos omitir de reconhecer que cada um de nós está desempenhando um papel, por ação ou inércia, nesses tempos que já foram apenas ficção.

## ELEIÇÕES

# Um “sinal muito ruim”

Para líder do PSol e pré-candidato do partido ao governo paulista, Lula erra ao abrir a possibilidade de ter Alckmin de vice

» BERNARDO LIMA\*

A possibilidade de o ex-governador de São Paulo Geraldo Alckmin (sem partido) ser vice da chapa de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), na corrida presidencial deste ano, tem sofrido críticas de setores da esquerda e integrantes do próprio partido. Para Guilherme Boulos, coordenador do Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST) e principal expoente do PSol, a possibilidade de a chapa se concretizar é um “sinal muito ruim”.

Isso não quer dizer que o pré-candidato ao governo paulista tenha deixado de defender o apoio a Lula na disputa contra o presidente Jair Bolsonaro. Mas acredita que a melhor estratégia, do ponto de vista eleitoral, não é trazer Alckmin para ser vice da chapa: “Entendemos que o Lula é quem tem melhores condições de enfrentar e derrotar o Bolsonaro, que é o maior desafio deste ano. Agora, a possibilidade de Alckmin como vice, é um sinal muito ruim”, afirmou, em entrevista ao *Correio Braziliense*.

A possibilidade de o ex-governador tornar-se vice de Lula segue a mesma premissa que o PT adotou, em 2002, quando trouxe o empresário José Alencar para a composição da chapa à sucessão de Fernando Henrique Cardoso. À época, a ideia era quebrar resistência de setores mais conservadores e de centro e centro-direta a uma possível vitória petista.

NELSON ALMEIDA



**Boulos lembrou que é preciso ter coerência na composição da chapa de Lula. Para ele, o ex-tucano é um corpo estranho**

### Reintegração de posse vira pancadaria

No dia 22 de janeiro, ao executar uma decisão judicial de reintegração de posse em favor da massa falida do grupo Selecta S/A, do investidor Naji Nahas, dois mil soldados da Polícia Militar de São Paulo desalojaram cerca de 1,6 mil famílias que ocupavam um terreno de 1,3 milhão de metros quadrados em São José dos Campos (SP), conhecido como favela do Pinheirinho. Houve espancamentos, maus tratos e destruição de pertences por parte da PM. Ninguém morreu.

Boulos criticou a administração que Alckmin fez de São Paulo e lembrou de operações de despejo durante o governo do ex-tucano, entre 2011 e 2018. Ele fez questão de citar o episódio da desocupação do **Pinheirinho, em São José dos Campos**. “Essa semana completam-se

10 anos do massacre do Pinheirinho, despejo desastroso coordenado por ele, em São José dos Campos”, criticou.

### Coerência

Para Boulos, as articulações do PT para formar uma aliança devem ter coerência com o

objetivo de superar o atual presidente, em outubro. “O PSol acha que é importante ter unidade e aliança, não apenas para derrotar o Bolsonaro, mas sim seu projeto como um todo. Nesse sentido, a aliança tem que ter coerência com essa perspectiva, e isso tem que se expressar no programa desta candidatura”, destacou.

A insatisfação em relação à aproximação do ex-presidente com o ex-tucano motivou filiados do próprio PT a criarem uma petição contra a eventual chapa. O abaixo-assinado, apresentado por Daniel Kenzo, do diretório petista no Butantã, Zona Oeste de São Paulo, exige que o partido escolha um vice que não tenha apoiado a chamada “operação golpista e neoliberal”, que resultou no impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, em 2016.

Em congresso interno realizado no ano passado, a maior parte do PSol votou por apoiar Lula e não lançar candidatura própria ao Palácio do Planalto, mas um setor expressivo se manifestou contrariamente. A legenda adiou a decisão final sobre respaldar o ex-presidente para este ano.

Em relação à sua candidatura ao governo de São Paulo, o coordenador do MTST garantiu que o congresso de seu partido definiu que vai levá-la até o final. Ainda segundo Boulos, o PSol está trabalhando pela construção de uma “unidade do campo progressista” para desbancar a hegemonia do PSDB — que governa o estado de São Paulo há 30 anos.

\***Estagiário sob a supervisão de Fábio Grecchi**

## Clima no ninho tucano continua tenso

» RAPHAEL FELICE

A vitória de João Doria nas prévias do PSDB, em novembro passado, não encerrou o clima de acirramento dentro do partido. Sem decolar, até agora, nas pesquisas de opinião, o pacto feito para apoiar o vencedor das eleições internas tucanas está sob pressão. Correligionários do governador Eduardo Leite (RS) seguem cobrando do governador de São Paulo resultados eleitorais convincentes — ou podem desembarcar da chapa tucana para ir na direção de alguém que tenha chances contra Jair Bolsonaro e Luiz Inácio Lula da Silva.

Nos bastidores tucanos, o prazo para a viabilidade de Doria vai até março. Para diminuir as cobranças, o grupo que apoia o governador de São Paulo aposta que ele sobe nas pesquisas a partir de agosto, quando as campanhas estarão em campo.

Com a maioria das pesquisas apontando um segundo turno

entre Lula e Bolsonaro — ou até uma vitória do petista no primeiro —, com Sergio Moro (Podemos) se consolidando como terceira via, os analistas não enxergam, por ora, de que forma Doria e tornará competitivo.

“As pesquisas apontam que cerca de um terço do eleitorado brasileiro ainda não fez sua escolha ou não está atento às eleições. Até lá, Doria pode ter espaço para crescer, convencendo esse público”, disse o cientista político Leandro Gabiati.

Para o também cientista político André Rosa, as últimas pesquisas, apesar de serem indicativas relevantes, refletem números de campanhas que ainda não existem. “A gente só vai poder confirmar esses números quando, de fato, começar a campanha e propaganda na televisão e nas redes sociais”, explicou.

### União precária

O ex-prefeito de Manaus, Arthur Virgílio Neto — que

disputou as prévias tucanas e, com a iminente derrota, apoiou Doria contra Eduardo Leite, sobretudo no episódio do problema ocorrido com o aplicativo que seria usado na votação do partido — lembra que, depois da disputa, fechou-se um acordo para todos “caminharem juntos”. Ele cobrou da legenda a “obrigação” de apoiar, nos estados, aqueles que forem indicados.

“Após as prévias, fizemos um acordo que era todo mundo ficar junto. Acho que o Tasso (Jereissati, senador) tem obrigação de apoiar o candidato que o Doria apoiar em São Paulo, assim como o Doria tem obrigação de apoiar o candidato do Tasso no Ceará, e apoiar o Leite e seu candidato no Sul. Se a gente se colocar um contra o outro, vai ser um jogo de perde-perde”, afirmou.

Mas, mesmo assim, dentro do PSDB a pressão sobre Doria e seu grupo não arrefece — inclusive em relação a apoios que ele pretende dar. Na semana passada, caciques tucanos se reuniram

em São Paulo para discutir apoio a outro candidato ao Palácio dos Bandeirantes, que consideram com mais chances, para concorrer com Rodrigo Garcia, vice-governador e nome do governador à sua sucessão.

Estiveram presentes os senadores Tasso Jereissati (CE) e José Aníbal (SP), além do deputado federal Eduardo Cury (SP) e o vereador Xexeu Trípoli. Ventilou-se o nome de Paulo Serra, prefeito de Santo André, que deixaria o PSDB e seguiria para o PSD a fim de amarrar uma aliança supostamente forte com o partido de Gilberto Kassab.

Essa manobra, porém, não tem total amparo nas hostes tucanas. “Eu prego a união. Para as eleições em São Paulo vão o Fernando Haddad, que foi prefeito da capital, e tem o Lula por trás. Tem também o Márcio França no PSB, que perdeu para o Doria a disputa do governo do estado por muito pouco. É uma briga de cachorro grande”, analisou Virgílio.

Carlos Vieira/CB



**Doria levou as prévias, mas não ganhou todo o PSDB**